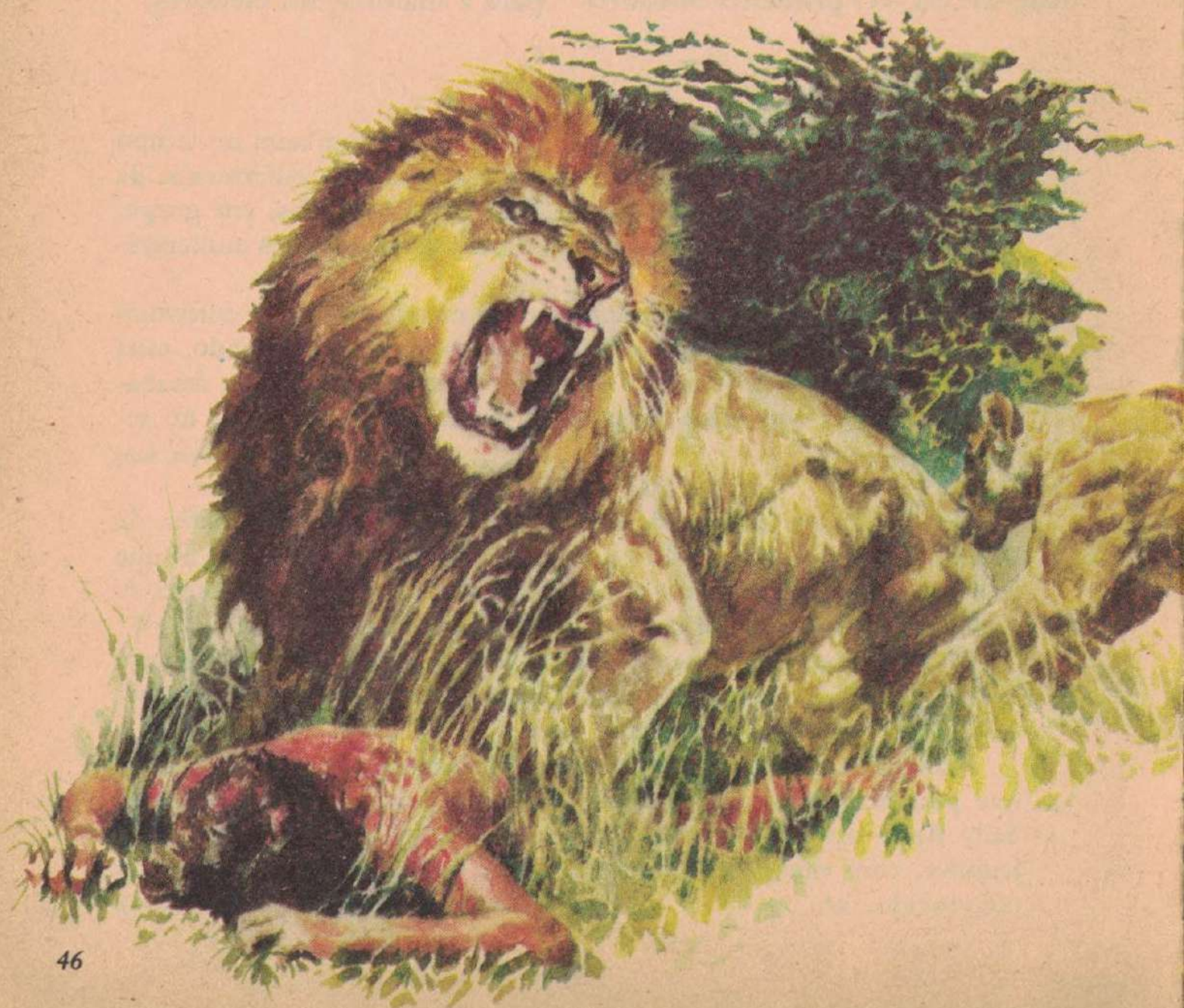


NA BOCA DO LEÃO

Quando o enorme leão o atacou, Tony Fitzjohn sentiu que só teria um minuto de vida; depois, compreendeu que outro leão estava entrando em cena

ARNOLD SHAPIRO



O LEÃOZINHO de 18 meses, mas já maior do que um cão dinamarquês, pulou do mato cerrado, colocou as patas felpudas sobre os largos ombros de Tony Fitzjohn e roçou alegremente a cabeça na de seu amigo. Isso aconteceu na quinta-feira, 12 de junho de 1975; era essa a maneira de Freddie cumprimentar Tony quando este regressava ao acampamento de Kora, depois de uma viagem de dois dias para comprar mantimentos.

Kora é um pequeno agrupamento isolado de tendas, protegido por uma alta cerca de arame e situado no norte do Quênia. Aí, o naturalista George Adamson, de 70 anos, trata de leões como parte de um singular projeto de conservação da natureza. Filhotes órfãos ou leõezinhos de jardins zoológicos (que, de outra forma, estariam condenados ao cativeiro) crescem, reproduzem-se e vivem em liberdade, numa área especialmente dedicada a isso que o governo do

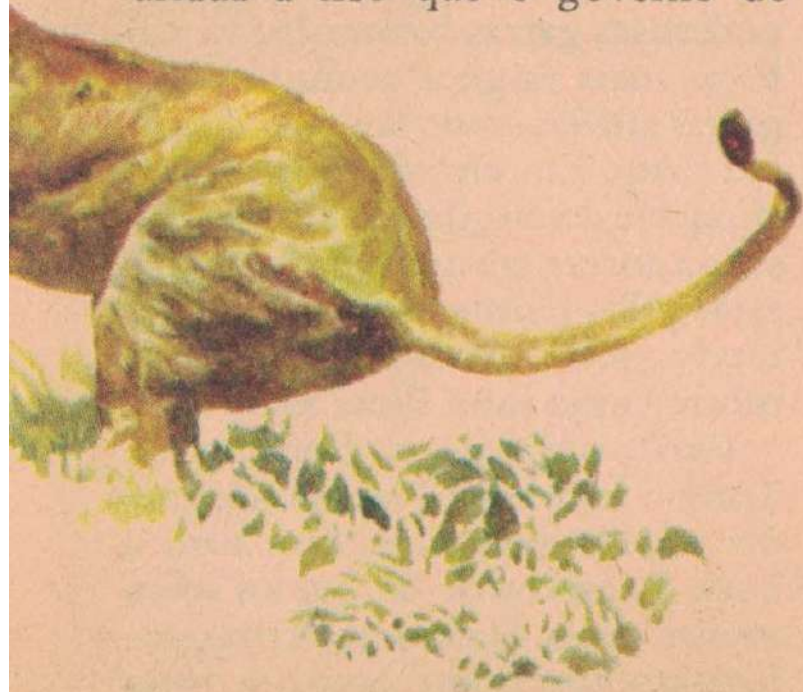
Quênia considerou reserva nacional de caça.

As condições nesse acampamento são inóspitas: calor intenso, picadas de moscas tsé-tsé, falta de eletricidade e de água encanada, e seis horas de carro até o povoado mais próximo. O inglês Fitzjohn, de 31 anos, na adolescência tinha lido os livros da série *Born Free* e ficara encantado com a história de Joy e George Adamson criando a leoa Elsa que havia perdido os pais. Viver na África e trabalhar com Adamson há já três anos era para Tony um sonho que se tornara realidade.

Uma de suas tarefas normais era, uma vez por mês, fazer uma viagem de Land Rover à pequena povoação de Garissa, para comprar mantimentos. Naquela manhã, antes de regressar, tinha ido visitar o guarda-caça distrital e agradecer-lhe por ter expulso um bando de caçadores ilegais armados, que havia andado na reserva colocando armadilhas venenosas para apanhar rinocerontes.

O guarda perguntara-lhe por Freddie, o leãozinho abandonado que ele tinha encontrado no mato uns 17 meses antes e dado a Tony. «Foi o primeiro leãozinho que conheci», relembra Tony. Este tomara em seus braços o frágil bichinho peludo, levava-o no carro para Kora e dera-lhe o nome de Freddie.

Depois, foram trazidos mais três leõezinhos de jardins zoológicos, mas Freddie merecia sempre um carinho especial de Tony e tinha não



só boa índole, como era o mais corajoso dos filhotes, o mais briguento e o mais propenso a ser atrevido com os leões crescidos que perambulavam em volta da cerca. Ele e Tony dormiram na mesma cama, até que o leão ficou grande demais e já não cabia nela. Lindsay Bell, namorada de Tony, que vive em Nairóbi, costuma dizer que ele só se sente perfeitamente à vontade quando está com seus leões.

DEPOIS de dois dias de dura viagem, Tony estava exausto, mas satisfeito por voltar de novo a Kora. Vestia apenas *shorts* e calçava sandálias; sua pele tostada brilhava de suor, sob um calor de 36 graus. Era hora de reunir os leõezinhos (os outros três já se tinham juntado a Freddie para darem as boas-vindas a Tony) e levá-los para dentro da cerca, a fim de passarem a noite. Para amansar o brincalhão Freddie, Tony sentara-se com os braços em volta dos joelhos, de costas para o mato a poucos metros, e começara a falar calmamente. Uma das regras a respeitar no mato é *nunca* sentar no chão em campo aberto, por causa do aparecimento inesperado de animais, mas Tony sentia-se em segurança, pois as tendas ficavam relativamente perto.

Eram 5:10 da tarde. O acampamento, a menos de 50m, estava calmo. Nisto, sem qualquer aviso, sentiu que um vulto gigantesco pulava sobre ele, vindo de trás. Foi jogado para frente no chão e, momentaneamente, perdeu a cons-

ciência. Ao voltar a si, constatou, apavorado, que sua cabeça estava presa entre as mandíbulas de um enorme leão. O atacante apertou os dentes; depois, soltou-os e começou a mordê-lo e a arranhá-lo com as garras – pequenas mordidas no pescoço e na cabeça, mais fortes nos ombros, arranhões com as garras nas costas e nas pernas.

Para Tony, esse horror foi «uma série de rápidos instantâneos separados por períodos de escuridão». Seus óculos ficaram despedaçados, e ele via imagens do acampamento que pensava estivesse próximo; parecia-lhe que as tendas se iam afastando mais e mais, ficando cada vez menores.

Que leão o estava atacando? Seria um dos de George? Ele apenas sabia que o animal era enorme e possante; tinha uns 180kg e 2,5m de comprimento.

Tony não tinha qualquer chance. Cobriu os órgãos genitais e fechou os olhos. Novos golpes daquelas poderosas garras batiam-lhe na cabeça; mais rasgões profundos das garras afiadas como lâminas abriam seu rosto. Em virtude do estado de choque e do atordoamento, ele não sentia dores nem ouvia nada. Paralisado pelos ferimentos e pelo susto, estava presenciando sua própria morte como num filme silencioso.

Então, o leão pegou o pescoço de Tony e mordeu. O jovem não podia respirar pelo nariz nem abrir a boca. Lembrou-se de que os leões muitas vezes matam por estrangulamento, apertando como um torno

até que a vítima pára de respirar. Isso não leva mais que um minuto.

Durante esse minuto, Tony subitamente compreendeu que havia dois leões lutando. Ao tentar abrir as pálpebras ensangüentadas, viu Freddie avançando em direção a ele. *Oh, não! Freddie também, não!* pensou ele.

O pequeno Freddie, porém, não atacava Tony; ia era atrás do possante leão, quatro vezes maior do que ele. A atitude normal dos leões jovens é submeter-se aos adultos; atacar um deles enfurecido é suicídio.

Freddie, no entanto, continuava investindo – dando botes, rosnando e mordendo nos flancos do leão, que se mantinha escarranchado sobre o tronco de Tony. Por um instante, o estratagema deu resultado. O leão deixou de apertar o pescoço de Tony e arremeteu contra Freddie, que correu para salvar a vida. Tony jazia numa poça de sangue, ofegante por falta de ar. O leão grande poderia ter pegado Freddie, despedaçando-o imediatamente, mas desistiu da perseguição e correu de novo para sua vítima. Tornou a apertar o pescoço de Tony, num estrangulamento fatal. *Meu Deus, estou morrendo! Posso senti-lo,* pensou Tony. Em segundos, perdeu a consciência outra vez.

Freddie, contudo, voltara à luta e, de surpresa, mordida o leão por trás; depois, corria à sua volta rosnando, bramindo, investindo corajosamente e mordendo. Só foi embora quando o leão grande o golpeou

com a pata poderosa, mas não conseguiu distrair o inimigo.

Durante todo o ataque, Tony foi uma vítima silenciosa, e o leão um assassino também silencioso. Os únicos sons eram os incessantes roncões e os rugidos de Freddie, que Tony não conseguia ouvir.

OS LAMENTOS agudos de Freddie, porém, foram ouvidos por Erigumsa, cozinheiro do acampamento. A princípio, pensou que dois leõezinhos estiveram lutando, mas os rugidos de Freddie pareciam-lhe desesperados. Erigumsa dirigiu-se para o portão e viu Tony sendo massacrado. Correu para a tenda-refeitório, a uns 20m, onde George Adamson estava tomando chá.

«Simba ame Kamata Tony inje! Anataka Kuua yeye!» gritou Erigumsa em língua suaíli («O leão apanhou Tony lá fora! Está tentando matá-lo!»)

George pensava que a brincadeira dos leõezinhos tivesse dado em briga. Por isso, levou apenas uma bengala e saiu da tenda, sem ligar importância a um rifle carregado.

Defronte do portão, George viu o pescoço de Tony aprisionado nas mandíbulas de um grande leão. Não havia tempo de voltar para buscar o rifle; tinha de agir imediatamente. Sem pensar mais, avançou para o leão, gritando furiosamente e agitando a bengala.

Nesse momento, Adamson corria o risco de ser atacado, mas o animal soltou Tony e recuou fitando George. O leão preparou-se para

pular, mas George continuou avançando, gritando e brandindo a bengala. Deu resultado! O leão hesitou e depois desapareceu no mato, manchado do sangue de Tony.

AMPARADO por George, Tony voltou cambaleante ao acampamento. Um pensamento, porém, o preocupava. «George, acho que estou morrendo. Mas não mate o leão», pedia Tony. «A culpa foi minha... fui apanhado de surpresa. Isto não devia ter acontecido.»

Assim que levou Tony para sua tenda, George correu para o transmissor de ondas curtas a fim de chamar a Patrulha Aérea de Serviço Médico, em Nairóbi. Era muito tarde. O vôo, de 220km, ia levar uma hora e 15 minutos, e o regulamento proibia terminantemente pousar numa clareira da mata depois do escurecer, mesmo em situação de emergência.

A enfermeira informou-o de que o avião sairia logo de manhã bem cedo, e aconselhou-o sobre o tratamento de primeiros-socorros nos inúmeros ferimentos de Tony. George desligou e ficou olhando para o sol poente. Tony iria conseguir sobreviver aquela longa noite, sem os cuidados de um cirurgião nem transfusões de sangue?

Intermitentemente desmaiando e recuperando a consciência, Tony esforçava-se por respirar... e manter-se vivo. «Tenho que viver – por causa de Lindsay, de George e dos leões. Sei que, se pensar que vou viver, sobreviverei.»

Ao alvorecer, no exterior do acampamento, George e Erigumsa trocaram sorrisos – 13 horas após o massacre, Tony ainda estava vivo.

Lindsay foi a primeira a sair do avião do serviço médico, quando este tocou o solo. George tinha-se comunicado com ela pelo rádio, na noite anterior, falando-lhe sobre o estado de Tony. «Eu esperava que os ferimentos fossem graves, mas não espalhados pela cabeça toda», recorda ela. «Ele mal podia respirar. O lado direito do pescoço estava completamente dilacerado e os ferimentos supuravam. Era horrível!» Durante o vôo de regresso a Nairóbi, acompanhando Tony, Lindsay irrompeu em pranto. «Eu sabia como ele gostava de seu trabalho», diz ela. «Se sobrevivesse, queria voltar para junto dos leões?»

Levaram-no para um hospital, e Tony permaneceu duas horas na sala de operações. Apresentava mais de 30 ferimentos, alguns tão profundos e perigosos que não foi possível suturá-los naquele momento. Sua traquéia tinha sido comprimida mas não cortada. Miraculosamente, os dentes do leão não haviam danificado qualquer nervo, artéria ou veia. Tony iria ser um dos poucos sobreviventes a um ataque de um leão.

UM DIA depois do acidente, um grande leão foi visto nas imediações de Kora, com manchas de sangue seco no peito e no focinho. Era um leão selvagem, de dois anos e meio, que George conhecia desde peque-

nino; um animal tão manso que ele havia-lhe posto o nome de Shyman (Tímido).

Agora, os leõezinhos não queriam aproximar-se de Shyman, e este, de maneira estranha, começou a rosnar ameaçadoramente para eles. George foi no Land Rover para fora do acampamento, colocando o veículo entre Shyman e os leõezinhos assustados. Depois, ficou observando Shyman cuidadosamente. Seus movimentos eram irregulares e esquisitos. Aquele leão, outrora manso, provavelmente havia comido uma carcaça envenenada deixada pelos caçadores de rinocerontes. Como já tinha atacado uma vez, podia voltar a investir de novo. Estavam em jogo as vidas de seres humanos e de outros leões. Depois de observar o comportamento de Shyman durante uma hora, George, contrafeito, apontou o rifle e disparou uma bala no crânio do animal.

Um ataque como o que Tony tinha sofrido faria que o mais heróico dos homens ponderasse bem sobre os riscos de trabalhar no mato. Ele

tinha sido praticamente comido por um leão que havia mastigado carne de seu rosto e de seu pescoço — iria ter cicatrizes até morrer —, mas Tony lembrava-se de que um leãozinho que ele adorava havia tentado salvá-lo.

Dois meses depois do acidente, Tony retornou a Kora imaginando que espécie de saudações (se as houvesse) ele iria receber depois de sua ausência. Assim que chegou ao acampamento, viu os leõezinhos em cima de uma grande rocha. Logo que o avistaram, correram imediatamente para ele, com Freddie na frente, rosnando de contentamento pelo caminho. As carícias típicas dos leões levam menos de um minuto, mas, desta vez, demoraram quase dez, com os leõezinhos excitados pulando-lhe em cima.

«Nunca pensei não voltar», disse-me Tony quando o visitei. «Estamos criando uma reserva zoológica. Pessoas do mundo inteiro podem um dia vir aqui ver os nossos leões, e estes podem viver em liberdade na natureza, sem serem molestados. Este é o meu lugar.»



UM CARPINTEIRO conhecido meu, que estava trabalhando na casa da mãe de um amigo (senhora idosa), notou que o dia inteiro o telefone tocava a curtos períodos. Intrigado, perguntou ao amigo de que se tratava, e ficou sabendo que a maioria das chamadas vinha para o escritório de informações da estrada de ferro, cujo número era quase idêntico ao da senhora.

«Mas porque é que ela não requer um número diferente?» indagou o carpinteiro. «Acho pouco provável», respondeu o amigo. «Atender o telefone a mantém jovem. Ela chegou mesmo a comprar uma tabela de horários dos trens e agora está respondendo ela própria às perguntas.»

— F. J. Dunphy, Bradford, Inglaterra